



MANIPULAÇÕES E SANÇÕES EM TORNO DA PANDEMIA DO COVID-19: ANÁLISE SOBRE AS POLÉMICAS DOS MODELOS DE ISOLAMENTO

MANIPULATIONS AND SANCTIONS AROUND THE
COVID-19 PANDEMIC:
ANALYSIS ON THE CONTROVERSIES OF ISOLATION
MODELS

Artur da Silva Barbosa¹
Universidade Federal do Ceará

José Américo Bezerra Saraiva²
Universidade Federal do Ceará

Resumo: A chegada repentina da COVID-19 no Brasil demandou uma pronta estruturação de estratégias para enfrentar a pandemia. Utilizando a semiótica francesa como aporte teórico, objetivamos averiguar quais mecanismos de manipulação e de sanção são acionados para persuadir os enunciatários a aderirem a uma de duas abordagens distintas: isolamento horizontal ou isolamento vertical. O corpus correspondeu ao recorte de dois debates da emissora CNN Brasil, disponíveis no Youtube. Os enunciadores da primeira abordagem utilizaram como estratégia de manipulação a intimidação e a sedução, no primeiro vídeo, e a sedução e a provocação, no segundo. Eles mantiveram a uniformidade dos discursos: a reclusão total da população e o fechamento dos espaços, ou saída para o trabalho para evitar a derrocada econômica. Ambos discursam sobre uma ameaça letal. Pelo desemprego e pela fome, que apresenta efeito atenuado e se torna uma estratégia mais eficaz do que a mortífera ação do vírus, que surpreendera a todos.

¹ E-mail: artursilva2b@gmail.com.

² E-mail: jabsaraiva@gmail.com.

Palavras-chave: Pandemia; Semiótica Discursiva; Debate; Covid-19.

Abstract: *The sudden arrival of COVID-19 in Brazil required a prompt structuring of strategies to address the pandemic. Using French semiotics as a theoretical framework. Our objective is to determine which mechanisms of manipulation and sanction are triggered by discourses about COVID-19 to persuade their enunciatees to adhere between two theses: horizontal isolation or vertical isolation. The corpus corresponded to the clipping of two debates on CNN Brasil, available on the YouTube. The enunciators of the first thesis used intimidation and seduction as a manipulation strategy in the first video, and seduction and provocation in the second. The enunciators maintained a certain uniformity in their discourses: total seclusion or leaving home to work, hence avoiding economic collapse. Both discourses make use of the idea of a lethal threat. The threat of hunger becomes an argumentative strategy apparently more effective than the deadly action of the virus.*

Keywords: *Pandemic; Discourse Semiotics; Debate; Covid-19.*

INTRODUÇÃO

A pandemia do coronavírus surgiu no ano de 2020, do outro lado do mundo, e de forma rápida e abrupta chegou ao Brasil. Marcada por graus de surpresa, mais ou menos atenuados, ela nos fez ressemantizar o nosso *poder e saber-fazer* cotidiano. Em razão disso, nos foi exigido a elaboração de um novo programa modal, a fim de organizar o combate à situação pandêmica.

Nessa perspectiva, pretendemos nesse artigo averiguar quais foram as estratégias empregadas pelos enunciadores para captar a adesão dos enunciatários aos seus discursos sobre as melhores medidas de enfrentamento ao COVID-19, no começo da pandemia. Essa disputa discursiva de doações de modalidades cognitivas encontra-se centralizado entre duas principais propostas de isolamento: *horizontal vs. vertical*.

A primeira proposta está pautada na reclusão do maior número de pessoas em suas residências, para que o vírus tenha menor taxa de infecção, e, com isso, seja possível diminuir a superlotação de leitos de hospitais. O modelo *vertical* fundamenta-se na ideia de que o impacto econômico de um isolamento rígido seria maior que benefícios em saúde pública, portanto, essa proposta defende a reclusão apenas dos grupos de risco: pessoas com mais de 60 anos ou/e portadores de comorbidades.

Para constituir o *corpus*, escolhemos dois debates televisivos da emissora CNN Brasil, que posteriormente foram disponibilizados na plataforma do Youtube. O primeiro, “Medidas contra o COVID-19”, foi ao ar no dia 19 de março de 2020; o segundo, cujo título é “Ampliação da quarentena é boa para o Brasil?” ficou disponível no dia 06 de abril de 2020. Nós escolhemos o gênero debate, pois nos permite uma avaliação do discurso prosódico em execução. Os debates são moldados pelas escolhas discursivas dos participantes, tornando-se mais ou menos imprevisíveis devido às flutuações de velocidade e de impacto das falas. Essas variações são influenciadas pelo tempo predeterminado e pelo assunto delimitado pela intervenção anterior de seus adversários.

O objetivo aqui é fazer um levantamento dos mecanismos de *manipulação* e *sanção* acionados pelos debatedores em seus discursos sobre os modelos de isolamento sugeridos para o enfrentamento da pandemia. Para cumprir essa tarefa, elegemos os fundamentos teóricos e a metodologia das semióticas francesas: vertentes tensiva e discursiva. A primeira foi eleita para ser usada nas análises, e da segunda usaremos principalmente os quatro mecanismos de *manipulação* do nível narrativo: *sedução*, *tentação*, *provocação* e *intimidação*; e de *sanção* o qual escolhemos *morte incerta vs. morte provável*. Isto posto, reservamos o próximo capítulo para explicar melhor esses conceitos.

1 QUESTÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DAS MANIPULAÇÕES E SANÇÕES EM UM DISCURSO SOBRE O COVID-19

Para explicar as questões relativas às manipulações da semiótica greimasiana retornaremos ao nível narratológico, o qual compreende quatro etapas estruturais de uma narrativa: *manipulação*, *competência*, *performance* e *sanção*. Na etapa da *manipulação* um sujeito age sobre outro levando-o a fazer o que é proposto, e esses dois sujeitos narrativos, por vezes, podem estar sincretizados em um mesmo ator. Na etapa da *competência* o sujeito é adensado

com um *saber* ou um *poder-fazer*. Na *performance*, é operada a passagem do estado de disjunção a um estado de conjunção do sujeito com o objeto de valor. E, finalmente, a *sanção*, o sujeito que operou a transformação faz o reconhecimento dos valores tímicos adquiridos na junção com o objeto, esses valores podem ser negativos ou positivos.

Há quatro tipos de *manipulações* na semiótica discursiva. A manipulação por *tentação* efetua-se quando o destinador-manipulador oferece algo para o destinatário em troca de que ele aceite a sua proposta. Isto posto, a persuasão se finda pelo *poder-fazer* do destinador (possibilidade de ofertar um valor positivo), e a *sanção* pelo *querer-fazer* do destinatário (aceitar a proposta e seus benefícios).

A manipulação por *intimidação* ocorre quando o destinador-manipulador provoca algum tipo de medo ou receio no destinatário-manipulado para que não haja recusa da sua proposta. Nesse caso, a manipulação também se efetua pelo *poder-fazer* do destinador, porém os valores ofertados são negativos, e a *sanção* acontece pelo *dever-fazer* (aceitar a proposta ou encarar os malefícios).

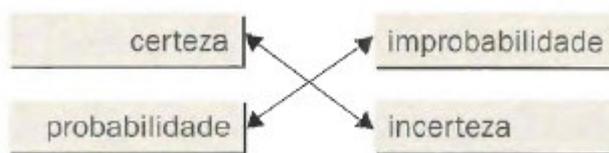
Na manipulação por *sedução* o destinador tece elogios ao destinatário, assim, ele busca a adesão ao que foi proposto através da imagem agradável deste que foi previamente apresentado. Dessa forma, a manipulação acontece através do *saber* (imagem positiva) sobre o destinatário, levando-o a *quere-fazer* o que foi proposto pelo destinador.

Por fim, a manipulação por *provocação* acontece quando o destinador-manipulador provoca o destinatário através da dúvida ou subestimação sobre suas habilidades. Deste modo, a manipulação também se finda pelo *saber*, porém sobre uma imagem negativa do destinatário, levando-o a *dever-fazer* o que foi proposto, e, dessa maneira, provar sua capacidade.

Sobre as *sanções* acionadas no discurso do COVID-19, podemos instituir dois valores que vão servir de base para nossa análise, sendo eles a consequência da adesão a qualquer um dos dois discursos defendidos pelos debatedores.

Como já foi mencionado, a *sanção* pode ser negativa ou positiva, e os destinatários defendem suas teses numa tentativa de fazer com que o maior número de interlocutores sobreviva a crise do coronavírus. No entanto, não podemos reduzir a discussão a um embate entre vida e morte com a adesão a qualquer um dos modelos de isolamento, pois a escolha mais correta não assegura necessariamente a sobrevivência

Tendo essas questões apresentadas, resolvemos utilizar as *modalidades epistêmicas* que podem ser encontradas em Greimas (2014, p. 201) para nos auxiliar a chegar o mais próximo possível de valores descritivos adequados para nossa análise:



Fonte: Greimas (2014, p. 201).

Segundo Greimas (2014, p. 201), essas categorias “instituem uma distância fiduciária entre as palavras do outro e a adesão que convém testemunhar-lhe, e, por essa razão, surgem como reguladoras de nosso saber sobre o mundo”. Partindo desse ponto, para essa pesquisa, nos convém a utilização dos valores contraditórios do quadrado apresentado acima, numa fusão com as categorias *vida vs. morte*; sugerimos, pois, as categorias *morte incerta* como valor positivo e *morte provável* como valor negativo. Não, por pessimismo, sugerimos a utilização do valor “morte” em detrimento ao valor “vida”, e sim, porque, as propostas de isolamento não se fundam em uma garantia de vida, mas propõem, contudo, evitar o maior número de mortes.

2 ANÁLISE DO PRIMEIRO DEBATE: MEDIDAS CONTRA O COVID-19

O primeiro vídeo que analisaremos é nomeado “Medidas contra o COVID-19”. Seus debatedores são Gabriela Prioli, advogada e defensora do isolamento total, posicionada contra as ações tomadas pelo governo, e Tomé Abduch, que defende o isolamento parcial e a uma boa gestão do governo frente à crise sanitária.

Gabriela Prioli ocupa a posição de destinador do valor cognitivo – *saber* (agir na crise sanitária). Em seu discurso, o *povo brasileiro* ocupa a posição de destinatário e sujeito; o *presidente*³ está como um anti-destinador dos valores descritivos de *morte-provável*, mas também pode ser considerado um anti-sujeito que retém os valores: *dever e poder-fazer* (gerir o país na crise do COVID-19). No entanto, essas são apenas duas de um mínimo de três modalidades para uma boa gestão do problema, pois afirma Coelho (2005, p. 13) “para executar um fazer, é necessário que o sujeito esteja de posse de no mínimo três desses elementos a que a semiótica chama modalidades (querer/dever/saber/poder)”. Porém, como veremos posteriormente, as proposições da advogada afirmam que o *presidente* não possui a competência necessária para gerir a crise e não tem interesse em adquirir.

Tomé Abduch ocupa a posição de destinador assim como Gabriela Prioli. Em seu discurso o *presidente* ocupa a posição de destinador dos valores de *morte-incerta* e também a função de *adjuvante*⁴ do sujeito *povo brasileiro*. Segundo Tomé Abduch, ele está ciente de seu *poder* e *dever-fazer* e possui as competências necessárias para uma boa gestão da crise sanitária, além de ser bem intencionado com o sujeito *povo brasileiro*. É importante dizer que essa relação de contrariedade entre os destinadores apresentados cria um conflito no nível semionarrativo visto

³ Jair Bolsonaro ocupou o cargo de presidente do Brasil de 2019 a 2023 e era o presidente durante a crise pandêmica

⁴ Segundo Greimas e Courtes no Dicionário de Semiótica, “adjuvante” designa um auxiliar de valores positivo, quando esse papel é assumido por um ator diferente do sujeito do fazer.

que não é possível identificar se o *presidente* se figura como um herói ou como vilão.

O destinador interpreta os estados resultantes do fazer do sujeito, definindo-os como verdadeiros (que parecem e são), falsos (que não parecem e não são), mentirosos (que parecem e não são) ou secretos (que não parecem e são). No conto popular, em geral, o reconhecimento do herói dá-se pela transformação do secreto em verdadeiro, ao mesmo tempo que o desmascaramento do vilão ocorre pela passagem do mentiroso ao falso. (Barros, 2002, p. 39)

A pauta discutida pelos debatedores é: “As autoridades deveriam ter esperado mesmo para saber o tamanho do problema pra não causar pânico na população ou entrou com seriedade tarde demais e não deu relevância a um tema importante”.

2.1 Gabriela Prioli

pareceu já que a gente ia começar a se preocupar um pouco mais com o coronavírus já que o presidente obedecendo a ordem do... a ordem não, a recomendação do ministro: fala que deveriam ser evitadas as aglomerações, eles já tavam usando a máscara, mas aí a gente começa a ter aqueles sinais trocados, então, a participação do presidente Jair Bolsonaro nas manifestações do dia 15, as falas recorrentes do presidente jair Bolsonaro no sentido de minimizar o impacto do coronavírus. E aí, embora a gente tenha, então, a declaração da pandemia no dia 11 de março, só no dia 18 de março é que o governo faz uma coletiva com autoridades pra gente explicar medidas mais efetivas contra o coronavírus. Isso é particularmente relevante porque as evidências têm mostrado que quanto mais rápida é a reação dos governos, mais tênue é a curva de disseminação do coronavírus e isso conseqüentemente provoca um impacto menos significativo pra saúde e pra economia. Eu tenho acompanhado os economistas brasileiros já há muitos dias falando da necessidade de que fossem discutidas medidas econômicas pra gente poder liberar recursos pra saúde e também pra socorrer a população mais vulnerável, que vai ser afetada de forma grave por essa pandemia que a gente tá enfrentando. Então, na minha

opinião, sem dúvida nenhuma, o governo demorou pra agir. (Prioli, 2020).

Em suas considerações iniciais, Gabriela Prioli opta pela utilização da figura lexical “parece”, que lhe confere uma posição passiva no discurso, ou seja, o discurso está imposto à própria sujeita enunciativa; isso infere que ela integra o “nós discursivo” que está sendo afligido pelo *sobrevir* e *intensidade* dos acontecimentos, o *povo brasileiro*, que é o enunciatário que sanciona o seu discurso. Na sequência, a advogada apresenta as figuras “evitar as aglomerações” e “uso de máscaras” como as medidas básicas instituídas até então para o enfrentamento do vírus. O *presidente* é apresentado, posteriormente, como voz enunciativa dessas medidas, pressupondo a sua posse das modalidades *saber* e *dever* usar máscara e evitar aglomerações, mas que *quer-não-fazer*, caracterizando o que Greimas (2014, p. 98) chama de *resistência-ativa* as recomendações da Organização Mundial de Saúde (OMS). Pois segundo Gabriela Prioli o *presidente* comparece em manifestações e profere discursos minimizando o impacto da COVID-19.

Gabriela Prioli aponta que houve um intervalo de sete dias entre a declaração da pandemia e as medidas apresentadas para o enfrentamento da crise no Brasil. Esse período de tempo é consideravelmente extenso, devido as elevadas taxas de proliferação do vírus. Segundo Barros (2008, p. 47) “as paixões, do ponto de vista da semiótica, entendem-se como efeitos de sentido de qualificações modais que modificam o sujeito de estado”, a autora descreve a *euforia* como uma *tensão decrescente* e um *relaxamento crescente*, e *disforia* como *tensão crescente* e *relaxamento decrescente*. A partir disso, podemos inferir um *relaxamento* fora de momento das entidades governamentais, ou, em outros termos, falta de *tensão* nas decisões de combate a crise do COVID-19, que acarreta inevitavelmente uma falta de celeridade. Ora, se o sujeito ainda está em um estado de *relaxamento*, significa que ele não foi abalado pelo acontecimento; logo,

é um *sujeito virtual* em conjunção com seu objeto de valor, visando apenas a manutenção; ele não enxerga a necessidade da criação de um novo programa narrativo, desse modo, se figura com um sujeito do *não-crer*. Essa atitude negacionista é vista pela debatedora como *disfórica*, ou seja, como motivo para uma *tensão crescente* e um *relaxamento decrescente*.

Gabriela Prioli, ainda no trecho acima, aponta algumas contradições no discurso do *presidente*. Aliás, essas inconsistências colocam em xeque a confiabilidade do *presidente*, porém não deveria ser o caso visto que a confiabilidade é condição imposta ao ocupante do referido cargo. Em outras palavras, o *presidente* deve não contradizer o próprio discurso (*dever-não-ser*) ou não pode contradizer o próprio discurso (*não-poder-ser*), ambas as descrições modais pertencem ao que Greimas (2014, pag. 94) chama de *modalidades aléticas*. Embora sejam construções modais distintas, nesse caso, elas se homologam e criam o semema *impossibilidade*. Assim, o *presidente*, figura pública, cujo *dever* é servir os interesses do *povo brasileiro*, não deve tomar atitudes que coloque o sujeito (*povo brasileiro*) em risco, porém o faz, quando atenua a gravidade da situação pandêmica.

quando a gente fala sobre o presidente da república, a gente acaba usando um parâmetro mais baixo, e aí é essa reflexão que eu me permito suscitar aqui: será que a gente deve exigir menos responsabilidade do presidente da república do que a gente exige da mídia ou de um jornalista? e ao fazer isso, então quando a gente diz que a mídia é irresponsável porque acaba atacando o presidente de forma pessoal, que a mídia é irresponsável porque faz as perguntas mal feitas. A gente exige muito do jornalismo, mas aí, ao mesmo tempo, quando a gente fala do presidente Jair Bolsonaro, durante uma pandemia, contrariando a ordem do seu ministro, ter ido apertar a mão dos seus apoiadores, a gente faz: 'ah, então, mas é que ele tem que estar lá com o povo...', poxa vida, e aí eu penso que vindo de um apoiador do presidente, será que a gente não deveria exigir mais do presidente da república? A gente tá partindo do princípio de que ele pode entregar tão pouco pra nação? (Prioli, 2020).

O trecho apresentado é uma resposta de Gabriela Prioli às assertivas de seu adversário de debate que coloca o *presidente* em uma posição passiva em relação aos acontecimentos: “pergunta da mídia que ali estavam eram perguntas pessoais de ataque ao presidente pra colocar ele em saia justa”. Ainda em relação a esse trecho, Gabriela Prioli cria uma estrutura *polémica*,⁵ dando legitimidade ao próprio discurso subvertendo o *texto-base* de seu adversário: “quando a gente fala sobre o presidente da república a gente acaba usando um parâmetro mais baixo” e “percebo aqui uma manifestação muito crítica em relação às perguntas formuladas pelos jornalistas”. Além disso, Gabriela Prioli aponta uma polarização na qual exige-se mais da competência dos jornalistas para perguntar e menos do *presidente* para responder. Essa polarização acusa uma atitude afetiva de seu adversário de debate em relação ao *presidente*, pois para ele: o sujeito em *saia justa* parece ter sido afetado pelo *sobrevir* de uma pergunta pessoal e estando desapropriado de suas competências não soube se expressar. Para Gabriela Prioli, no entanto, nessa coletiva de imprensa, o *presidente* deveria se portar como um sujeito em *pervir*, uma vez que, muito comumente, o representante do país está posto como *sujeito da retórica*⁶, devido a isso, espera-se, pois, que haja um preparo que torne a progressividade *lenta e átona* das apreensões dessa dimensão sensível.

Em suma, para Gabriela Prioli o discurso do *presidente* parece sobrepôr os valores modais coletivos em detrimento aos valores modais individuais, tanto na instância pragmática quando o *não-querer* sobrepõe o *dever* (discurso autoritário vs. discurso democrático), quanto na instância cognitiva quando o *não-saber* sobrepõe o *poder* (capacidade vs. incapacidade).

⁵ Para Discini (2004) “polémica” é um desvio sintático-semântico criado no texto-base que gera outros percursos e novos investimentos de valores nos objetos.

⁶ Claude Zilberberg – Elementos de Semiótica Tensiva, página 25

Tendo isso apresentado, podemos inferir que Gabriela Prioli investe principalmente na manipulação por *intimidação e provocação*. Ao apontar ações *disfóricas* do *anti-sujeito*, aqui figurado no *presidente*, percebemos o investimento principalmente na prescrição (*dever-fazer*): seguir as orientações da Organização Mundial da Saúde (usar máscaras e não participar de aglomerações), caso contrário, o sujeito ao qual ela está doando os valores cognitivos será sancionado com “*morte-provável*”. E, ao aponta o *presidente* ora como autoritário – *sujeito da recusa*⁷ (querer sobreposto ao dever), ora como sujeito incapaz (poder sobreposto ao saber), ela parece transplantar o valor axiológico de *morte-provável* dos atores COVID-19 e *pandemia* no ator *presidente*.

2.2 Tomé Abduch

bom dia a todos, eu já tenho argumentos um pouco diversos. Eu acredito que sim, o governo tá tomando uma posição rápida e efetiva em relação ao problema do coronavírus. Me impressionou muito a questão do antigo presidencialismo de coalizão, onde nós tínhamos ali políticos ocupando cargos de ministérios e hoje a gente percebe a seriedade que nós temos dos nossos ministros. Ontem foi uma tarde de grande responsabilidade pro governo, onde eles colocaram todas as medidas econômicas, financeiras, de saúde que tão sendo tomadas pra que a gente possa combater o coronavírus. É... eu acredito que o Presidente Jair Bolsonaro está sim muito preocupado, ele não foi quem convocou as manifestações do último dia 15, ele simplesmente apoiou as manifestações, é importante deixar isso muito claro, porque as pessoas distorcem isso, essas manifestações foram chamadas pelos grupos já há meses atrás, ele apoiou e, no momento em que ele percebeu que o coronavírus ia se difundir, ele pediu de maneira clara que se cancelassem as manifestações. É importante colocar também, ele não participou das manifestações, ele passou pela manifestação e se sentiu no direito de cumprimentar as pessoas que lá estavam por livre e espontânea vontade mesmo sabendo que os grupos haviam desmarcado, então eu acredito sim que o governo tá tomando um papel importante. A gente já vê as ruas vazias, os hospitais no Brasil inteiro, o sistema SUS hoje está em todo o país,

⁷ Greimas – Sobre o Sentido, página 99

nós sabemos que a gente tem condição sim de combater isso com muita seriedade e eu vejo uma postura séria do governo para isso (Abduch, 2020).

Tomé Abduch opta por instaurar um “eu discursivo” favorável aos atos do *governo* em uma estratégia simples de contradição ao discurso de Gabriela Prioli. Embora ambos defendam a mesmas medidas de enfrentamento ao COVID-19, Tomé Abduch se mostra menos afetado pelas disforias apontadas pela advogada e, com isso, satisfeito com a *celeridade* do *andamento* dessas medidas:

	Ação principal para o enfrentamento da COVID-19	Contentamento com as ações tomadas pelo governo	Apreensão das ações tomadas pelo presidente (ir à manifestação e não respeitar o distanciamento social)	Andamento das medidas de enfrentamento à COVID-19 tomadas pelo governo
Gabriela Prioli	Ficar em casa	baixo	Tônico	lento
Tomé Abduch	Ficar em casa	alto	Átono	rápido

Fonte: elaborado pelos autores

Tomé Abduch, em vários trechos fala da responsabilidade das ações do governo em relação a crise sanitária, que, segundo ele, apresenta uma “vontade ativa” Greimas (2014, p. 99) de gerir a crise com eficiência. Ele demonstra uma *euforia* com as seguintes ações do *presidente*: 1) desmarcar a manifestação cumprindo o seu *dever* de proteger o *povo brasileiro*; 2) mesmo sabendo da pandemia, o *presidente* comparece à manifestação para prestigiar/amparar o povo por espontânea vontade apesar dos riscos à própria saúde. Para Tomé Abduch, ambas as ações são justificáveis, inclusive a segunda que vai contra as orientações das organizações de saúde. Logo, o *presidente* aparece no discurso de Tomé Abduch em posse de três das modalidades necessárias para a realização do programa, “gestão responsável da crise sanitária”, (/dever/querer/ e /poder-

fazer/), sendo, conseqüentemente, um sujeito capaz da realização do programa narrativo.

Para não deixar de lado o *saber-fazer*, faz-se necessária a inclusão do ator *Ministério da Saúde*, responsável por destinar esse valor ao *presidente*. Em primeiro momento, a fusão desses dois atores apresentados gera a entidade *Governo Federal*⁸, que tem a posse de todas as quatro modalidades. No entanto, essa fusão não perdura, pois, posteriormente, acontece uma cisão entre os atores na qual o *presidente* espolia do *Ministério da Saúde* todas as suas funções.

Olha, nós não precisamos concordar com todo. Eu no meu ponto de visto acho que o presidente sim errou de tá indo ali pra cumprimentar as pessoas. Esse é o meu ponto de vista, não teria feito dessa forma, mas também não é um fim de mundo pra dizerem que vão pedir o impeachment do presidente ou que ele não tá dando a devida atenção pra que a gente possa acabar com essa pandemia. Ele se viu ali passando, como ele já comentou de manhã, do lado de dentro do palácio, do lado de dentro das grades. Ele viu as pessoas lá de livre e espontânea vontade e ele foi até lá pra poder prestigiá-las, no meu ponto de vista, o presidente errou sim, mas eu não acho que isso é nada que o desabone nesse momento (Abduch, 2020).

Em resposta à Gabriela Prioli, Tomé Abduch para de negar os erros do *presidente* em comparecer à manifestação e passa a atenuá-los: “mas também não é um fim de mundo” e em “pra dizerem[...] que ele não tá dando a devida atenção pra que a gente possa acabar com essa pandemia”. Além disso, apresenta-o com um sujeito surpreendido por um acontecimento, “ele se viu ali passando, como ele já comentou de manhã, do lado de dentro do palácio”. Nota-se que os fatos são apresentando com ênfase em seu caráter temporária. Assim, podemos inferir que para Tomé Abduch, os atos do *presidente* considerados disfóricos são

⁸ O governo federal, durante o governo de Jair Bolsonaro, tem sobre sua égide dez ministérios e uma secretaria especial de cultura, porém para o nosso texto só se fez essencial falar do Ministério da Saúde.

sobrepostos pelo *ser* (esse sim permanente), que foi qualificado por ele euforicamente, embora não baseado em fatos prévios.

Logo, podemos inferir que a principal estratégia de manipulação de Tomé Abduch é a *sedução*. Ele mostra em vários trechos que os interesses dos atores *presidente* e *povo brasileiro* estão alinhados. Aliás, o *querer social* (*interesse*⁹) do *povo* se torna um *dever-individual* do *presidente* a partir do momento em que ele é aceito como seu representante, tornando-o, assim, o garantidor do objeto de valor coletivo, que gostaríamos de chamar de *vida*, mas, infelizmente, por falta de garantia de sucesso, optamos por usar *morte-incerta*.

3 ANÁLISE DO SEGUNDO DEBATE: AMPLIAÇÃO DA QUARENTENA É BOA PARA O BRASIL?

O título do último vídeo analisado é: “Ampliação da quarentena é boa para o Brasil?” Os Debatedores são Augusto de Arruda Botelho, advogado especialista em direito penal, posicionado a favor do isolamento horizontal; e Caio Coppolla, bacharel em direito, com posicionamento favorável ao isolamento vertical. O Debate da emissora de televisão CNN foi ao ar no dia 06 de abril de 2020 e está disponível na plataforma do Youtube. Ambos foram convidados para debater sobre a prorrogação da quarentena para o dia 22 de abril de 2020, em 15 estados brasileiros. O debate começa com as considerações de iniciais de Caio Coppolla:

Parece que o medo dominou as nossas autoridades públicas, o pânico. Numa questão complexa, como é o combate à pandemia, eles só ouvem um tipo de especialistas, que são os médicos infectologistas e entre esses profissionais da medicina são aqueles que propõem uma única abordagem que é trancar todo mundo em casa. O problema, e questões complexas, elas são multidisciplinares, elas envolvem ponderação de vários campos da ciência, a gente tá falando do quê Monaliza? de psicologia,

⁹ Greimas, no livro *Semiótica e Ciências Sociais*, pag 95, designa pelo nome de “interesse” a estrutura do querer social.

sociologia, criminologia, economia, estatística, gestão pública. Há evidências científicas, em todas essas áreas que eu citei, que uma quarentena prolongada pode matar muito mais que a pandemia do coronavírus. Há evidência científica de que isolamento vertical direcionada a grupo de risco é eficaz, tem evidência científica de que a medicação à base de cloroquina e antibióticos têm apresentado, sim! resultados promissores e positivos e o estudo alarmista que embasa as atuais políticas de quarentena no Brasil, que vendem o “Empire College”, lá de Londres, ele tem falhas metodológicas, flagrantes, como já apontou a muito tempo o economista Hélio Beltrão (Coppola, 2020)

Desde o início, Caio Coppolla propõe a inclusão de cientistas de diversas áreas, não apenas da medicina, como sociologia, criminologia, economia e estatística, para se tornarem também fontes de conhecimento ativo na gestão da crise sanitária, agindo como destinadores de valores cognitivos, ou seja, do *saber-fazer* necessário para lidar com a situação pandêmica, do *povo brasileiro*. Para ele existe um monopólio indevido da comunidade médica infectologista do direito de destinar esses valores. Ele afirma que esses médicos são os únicos a propor a reclusão total como única alternativa para a aquisição do *objeto-valor*.

Ademais, Caio Coppolla afirma que a permanência do isolamento horizontal pode ser mais letal que a própria pandemia, embora neste trecho o debatedor não construa um raciocínio que sustente essa afirmação. Ele tão pouco discursa a favor do isolamento vertical. Essas afirmações são introduzidas no início do debate com o intuito de criar expectativas nos destinatários, algo perceptível no trecho: “eu pretendo demonstrar tudo isso aqui com dados e fontes ao longo do debate”. Logo na sequência Augusto Botelho responde:

Vamos lá... a ampliação da quarentena se ela é boa para o país?... Ela é a única medida capaz de conter o avanço assustador dessa pandemia. E quem disse isso, são todas, todas as entidades médicas do mundo, incluindo aí, a maior delas, a mais representativa, que é a Organização Mundial da Saúde. É o que também recomendam a Secretaria de Saúde dos estados

brasileiros e o próprio Ministério da Saúde, que não é formado apenas por infectologistas. Se bem que... vamos pensar aqui, se eu quebro a perna eu vou no ortopedista; um problema do coração... no cardiologista, para enfrentar uma pandemia acho no mínimo recomendável se ouvir quem?... infectologistas! mas mesmo assim essas entidades representativas da medicina do mundo todo é bastante plural, com especialistas de todas as áreas e elas são unânimes, unânimes em apontar que o isolamento social, a quarentena, atualmente, é a medida mais eficaz para conter essa pandemia. Vou além! É o que a população brasileira pede, há uma pesquisa divulgada hoje do Datafolha que aponta que 76% dos brasileiros apoiam a quarentena, da forma como ela está, indo além, 71% dos brasileiros aceitam inclusive o endurecimento dessas medidas. É também, espectadores, aquilo que a imensa maioria dos países, a imensa maioria dos países que enfrenta essa pandemia com números assustadores de casos e de mortes vem fazendo. (Botelho, 2020)

No trecho apresentado acima, Augusto Botelho ironiza a sugestão de seu rival de debate sobre a inclusão de vários sujeitos, de diversas áreas, para ajudar na contenção da crise pandêmica. Valendo-nos de um conceito similar ao de “elasticidade do discurso”, como é explicado por Tatit (2019, pag. 68) um aumento emocional pode gerar uma simples exclamação visto que o tempo é abreviado. Em contrapartida, à medida que a energia afetiva investida evolui e a celeridade decresce, tem-se textos maiores como um tratado, artigo ou monografia. Logo, podemos inferir que o investimento e a celeridade da inclusão desses profissionais de áreas diversas nesse assunto tendem mais para o estupor e a curiosidade. Para os médicos infectologistas é plausível afirmar uma evolução da morosidade e um tempo mais longo de preparação para a contenção do vírus, já que houve investimento prévio durante a formação acadêmica que tornou possível um andamento, em alguma medida, mais previsível e, portanto, mais eficaz, conforme argumenta Augusto Botelho.

Além disso, Augusto Botelho aponta que: “76% dos brasileiros apoiam a quarentena da forma como ela está, indo além, 71% dos brasileiros aceitam inclusive o endurecimento dessas medidas”. Ao trazer dados da aceitação do

próprio destinatário, o debatedor fala diretamente para o próprio *sujeito sancionador* (*povo brasileiro*) que sua vontade está sendo atendida; além de solicitar à parcela que se posiciona contrária ao isolamento total uma reavaliação das suas crenças sobre o melhor modelo de reclusão. Augusto Botelho também destaca as dimensões da qualidade e quantidade. A quantidade parece ser o argumento enfatizado: “a maioria dos médicos”, “a maior parte do povo (76%)” e “vários países”. No primeiro caso temos uma relação *conversa*¹⁰ (quantidade vs. qualidade), e nos dois seguintes um apelo meramente coletivista marcado por uma atonia na dimensão intensiva (qualitativa), mas que é compensado pela robustez na dimensão extensiva (quantitativa).

Então essa unanimidade que o Nelson Rodrigues chamada de burra Graças a Deus não existe na comunidade médica, como fez parecer o meu debatedor e nem na própria ou OMS, até porque, essa semana foi emitido pela FAO que é a Organização de Agricultura e Alimentação pra Nações Unidas, um alerta gravíssimo, em parceria com a OMC, em parceria, também, justamente, com OMS, alertando pra quê?... pra escassez de alimentos. No então a paralisação prolongada da humanidade, obviamente, vai causar também uma pandemia de fome, mas eu tenho vários outros dados aqui para compartilhar com o espectador da CNN sobre o custo em vidas humanas de uma quarentena prolongada e o fato das pessoas defenderem a quarentena horizontal, talvez seja porque elas não estejam bem informadas sobre o curso em vidas humanas de uma quarentena prolongada. (Coppola, 2020)

No trecho acima, a *fome* surge como um acontecimento de aspecto iterativo, pois vem se repetindo ao longo da história. Seu devir é lento, logo, previsível visto que já está sendo especulado, isso cria um efeito de atenuação entre os enunciatários que se torna uma estratégia argumentativa eficaz do ponto de vista modal, numa proporção até maior que à do próprio coronavírus, que

¹⁰ Para a semiótica tensiva de Zilberberg, temos uma relação conversa quando as dimensões crescem de forma reciprocamente proporcional.

surpreendera a todos, pois o combate ao um inimigo conhecido (*fome*) parece mais tangível e urgente que a luta contra um novo e desconhecido inimigo (coronavírus). O debatedor usa o termo “pandemia de fome” para dar ênfase à perspectiva de um outro problema futuro, e com isso se instauram dois tempos da enunciação: o primeiro é o *aqui/agora* da enunciação e da atual pandemia da COVID-19, instaurado por uma *debreagem enunciativa*, e a seguinte refere-se à possibilidade de uma futura pandemia (de fome) instaurada por uma *debreagem enunciativa*. Essa relação entre a *pandemia atual* vs. *pandemia futura* é especulativa e condicional. Deste modo, para Caio Coppolla a utilização do *isolamento horizontal* é a condição causadora da “pandemia de fome” e o *isolamento vertical*, a medida preventiva dessa segunda pandemia.

Na sequência, Caio Coppolla coloca em pauta a cognição de quem defende o *isolamento horizontal*, além de enfatizar a “pandemia de fome” como mais tônica que a atual pandemia. O *modo de eficiência*¹¹ de ambos os percursos é contrastante, porém o foco parece estar sobre o próprio conflito entre os modelos de isolamento. Tangenciam-se, portanto, assuntos relacionados ao acontecimento atual (*aqui/agora*) e à apreensão (tonicidade/celeridade), priorizando o futuro (*lá/então*) posterior ao acontecimento. Resumidamente, o debatedor se concentra em criticar mais o modelo horizontal do que em defender o modelo vertical.

Fala-se muito da possibilidade do isolamento vertical, o Caio disse aqui, isolar alguns grupos de risco e começar aos poucos liberar algumas pessoas para voltarem a uma vida normal, porque vida normal num curto espaço de tempo, nós não teremos [...] vamos adaptar então essa possibilidade teórica do isolamento vertical para o estado de São Paulo, por exemplo onde 15% dos idosos moram sozinhos, o que significa isso? que a grande, a imensa maioria dos idosos dividir sua casa com outras pessoas, na prática como é que a gente vai fazer esse

¹¹ Para Maria Barros no artigo “A memória do acontecido e a memória-acontecimento: um estudo semiótico dos gêneros autobiográficos” o *modo de eficiência* é a maneira pela qual uma grandeza se instala num campo de presença.

isolamento vertical mantendo então os idosos em casa e seus filhos, parentes, pessoas que coabitam, muitas vezes uma casa de poucos cômodos, saem para trabalhar. Como manter em isolamento esse idoso? Como manter isolamento as comunidades carentes espalhadas pelo Brasil que muitas vezes não tem nem água para lavar a mão? (Botelho, 2020)

Ao contrário de seu debatedor, Augusto Botelho apresenta apenas dados do *aquí/ agora* da enunciação, condizentes com uma proposta de combate imediato. Ambos os debatedores optam por uma estratégia ofensiva na qual o objetivo é provar que o modelo de seu adversário é impraticável: a proposta de Caio Coppolla é isolar apenas os idosos e, conseqüentemente, é falha visto que vivem com jovens, e, que segundo o modelo proposto, devem trabalhar; a proposta de Augusto Botelho é inviável de ser mantida por um longo período, pois uma parada econômica coletiva traria problemas à população brasileira. É fácil perceber que, por ambos conhecerem as falhas das propostas de seus adversários, os debatedores optaram por apontar os defeitos das teorias sugeridas ao invés de defender ou trazer novas soluções.

Tendo em mente o que foi apresentado, podemos concluir que Caio Coppolla usa principalmente valores prescritivos em seu discurso, em uma alternância entre manipulações por *provocação e intimidação*. Verificamos isso, nos trechos em que afirma o modelo horizontal como mais letal que o próprio vírus, assim, utilizando a *provocação*; ele afirma, ainda, o modelo horizontal como causa de uma segunda pandemia (de fome), que trará mais mortes que a primeira, utilizando, portanto, a *intimidação*.

Em contra partida, Augusto Botelho se vale principalmente das manipulações por *sedução e provocação*. Primeiramente, ele afirma, através de dados, que a reclusão total é um *querer-coletivo*, logo, o sujeito (*povo brasileiro*) se configura como sujeito realizado, convocando os demais que ainda não aceitaram essa medida a repensarem seu posicionamento referente ao modelo de reclusão, servindo-se, dessa maneira, da manipulação por *sedução*. Em outro trecho,

manipula por *provocação* ao ironizar a fala do seu adversário que sugere a inclusão de profissionais de fora do reduto da saúde, argumentando a favor da inaplicabilidade do modelo vertical devido as condições de moradia, de distanciamento de familiares idosos e das condições de higiene coletiva de moradores de favelas das zonas brasileiras mais pobres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cotejando os discursos elaborados nas duas edições do Grande Debate da rede de televisão CNN, dois favoráveis ao isolamento vertical e dois defensores do isolamento horizontal, observou-se no primeiro vídeo a *intimidação e a tentação* no discurso de Gabriela Prioli e a *sedução* na de Tomé Abduch. A advogada assume uma posição ofensiva baseada em uma estratégia racional, respaldando suas falas com dados concretos. Ela critica as ações do Governo Federal, argumentando que este agiu de maneira relaxada e lenta diante da situação pandêmica, além de apontar os erros do *presidente* relacionados a sua recusa em seguir as recomendações da OMS. Além disso, Gabriela Prioli o figura como autoritário ao mencionar sua participação na manifestação e suas tentativas de minimizar o impacto do coronavírus. Ademais, a advogada argumenta sobre a falta de capacidade do *presidente* de fazer uma boa gestão do país em trechos como “a gente tá partindo do princípio de que ele pode entregar tão pouca nação” (Prioli, 2020).

Por sua vez, Tomé Abduch tentando sustentar seu apoio às medidas tomadas pelo governo, destacando a justeza em suas ações, mas quando suas ações são *disfóricas*, ele as nega: “ele pediu de maneira clara que se cancelassem as manifestações” (Abduch, 2020), e quando não é possível negá-las, procura atenuar seu impacto: “É importante colocar também, ele não participou das manifestações, ele passou pela manifestação e se sentiu no direito de cumprimentar as pessoas” (Abduch, 2020).

No segundo debate, Augusto Botelho e Caio Coppolla adotam estratégias argumentativas semelhantes. Ambos abandonam a defesa de suas próprias teses e optam por uma abordagem ofensiva contra a proposta do oponente. Baseiam seus argumentos na inviabilidade da proposta adversária, em vez de apresentar uma solução alternativa viável. Augusto Botelho utiliza principalmente a *sedução* e *provocação* enquanto Caio Coppolla foca na *provocação* e na *intimidação*.

Assim, todos os debatedores parecem ter mantido certa uniformidade racional ao defender a reclusão da população e o fechamento dos espaços como a melhor solução para a contenção do coronavírus, salvo o grau mais ou menos recrudescido dessa reclusão. No entanto, os discursos colidem com tal violência que parecem irremediavelmente inconciliáveis, mesmo que a racionalidade discursiva tente determinar o tom do debate. Os discursos lançam mão da ideia de uma ameaça letal. Ao que parece, a ameaça pelo desemprego e pela fome também apresenta certo efeito de impacto considerável entre os enunciatários, tornando-se uma estratégia eficaz do ponto de vista argumentativo já que o impacto causado pelo *desemprego* e pela *fome* pode ser sentido e concretizado de forma objetiva no cotidiano das pessoas, por vezes, até mais do que o vírus que surgiu repentinamente como um novo agressor.

REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *As fake News e as "anomalias"*. *Verbum*, v. 9, n. 2, p. 26-41, 2020.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2002.

BARROS, Mariana Luz Pessoa. *A memória do acontecido e a memória-acontecimento: um estudo semiótico dos gêneros autobiográficos*. *Alfa*, v. 60, p. 355-383, 2016.

CNN BRASIL. *O grande debate - medidas contra o COVID-19*. Youtube, 19 de março de 2020. Disponível em: <
https://www.youtube.com/watch?v=xzy6Kv7ziO8&t=92s&ab_channel=CNNBrasil> Acesso em: 21 de março de 2022.

CNN BRASIL. *O grande debate – ampliação da quarentena é boa para o brasil?*. Youtube, 06 de abril de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=RWCe4r6TKb0&t=98s&ab_channel=CNNBrasil>. Acesso em: 21 de março de 2022.

DISCINI, Norma. *Intertextualidade e o conto maravilhoso*. 2. ed. São Paulo: Humanitas fflch/Usp, 2004.

FONTANILLE, J.; ZILBERBERG, C. *Tensão e significação*. São Paulo: Discurso Editorial, 2001.

GREIMAS, A. J. *Sobre o sentido II: ensaios semióticos*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2014.

GREIMAS, A. J.; COURTES, J. *Dicionário de semiótica*. São Paulo: Contexto, 2008.

GREIMAS, A. J.; LANDOWSKI, E. *Análise do discurso em ciências sociais*. São Paulo: Global, 1986.

LOPES, Ivã Carlos; HERNANDES, Nilton. *Semiótica: objetos e práticas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

TATIT, Luiz. *Passos de semiótica tensiva*. 1. ed. São Paulo: Atelie Editorial, 2019.

ZILBERBERG, C. *Elementos de Semiótica Tensiva*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: 30 de julho de 2023.

Aprovado em sistema duplo cego em: 15 de novembro de 2023.